

A SAPATARIA PORTUGUEZA

Jornal profissional interessando a industria do calçado, e as outras que lhe são correlativas

Orgão da Associação Industrial dos Lojistas de Calçado

ADMINISTRADOR: J. A. Fernandes Junior — REDACTOR PRINCIPAL: Manoel Gomes da Silva — SECRETARIO: Victor Gomes

Assignaturas	REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO	Annuncios
Por series de 6 ou 12 num. (cada num.) 30 réis	Travessa d'Assumpção, 59, 1.º	Cada linha..... 20 réis
Provincias, idem 40 "		Quando acompanhado de desenhos, gravuras, modelos ou moldes, será augmentado o preço da assignatura do jornal.
Estrangeiro e Colonias, idem 50 "		
Brazil, idem 60 "		

EXPEDIENTE

Os srs. fabricantes e commerciantes de artigos, proprios para a confecção do calçado, utilisam em annunciar no nosso jornal os seus estabelecimentos.

Fazemos abatimento quando os annuncios são repetidos. Constando-nos que pelo correio não teem chegado ao seu destino alguns jornaes, mandaremos outros exemplares aos srs. assignantes que os reclamarem.

O pagamento das assignaturas é adiantado. Estão em dívida muitos assignantes da provincia, a quem pedimos o favor de mandarem pagar o importe da assignatura do primeiro semestre, e de a renovarem no segundo.

Questões sociaes

I

Alucta entre o capital e o trabalho determinando as aspirações de muitas classes, e principalmente da classe operaria, não tem outra causa senão o augmento das necessidades, a que se tem de satisfazer, pela expansibilidade da civilização.

No momento historico em que se dão estes factos, ha sempre uma lucta de interesses, que a reflexão mais tarde procura harmonisar.

São naturaes estes movimentos, e ninguem, conhecendo a historia, se arreceia e espanta.

As grèves, em geral, não teem outra causa senão a miseria; produzem no momento em que se manifestam um choque de interesses. Podemos estabelecer uma equação em que a riqueza produzida é igual ao capital mais o trabalho, portanto, pretendendo o elemento trabalho uma parte mais avultada, o capital tem de diminuir de valor. O possuidor do capital, como consequencia logica, emprega todos os meios de defeza; o operario levanta o estandarte dos seus pretendidos direitos: eis a lucta.

O que é necessario, é que a justiça serena e benefica, venha restabelecer a harmonia de todos suplantando, por um lado o egoismo, por outro as exigencias desnorteadas. Em todo o caso, o mais coherente é que a peleja se fira n'um campo fraternal, porque o bem estar de todas as classes não pode existir sem mutua cohesão de principios, base essencial para o desenvolvimento da riqueza publica.

A classe operaria tem em si a culpa do estado por vezes grave da sua situação. Tendo n'um regimen liberal de intervir directamente com o seu voto e a sua energia para todo o mecanismo politico, delega, sem consciencia no erro que pratica, em individualidades extranhas aos seus interesses. Esta abdicação fatal de direitos perdem naturalmente o desequilibrio em todos os ramos de administração publica.

Mais do que nunca urge tracejar um novo caminho, chamando á actividade todos os elementos productores para que a industria se possa expandir livremente, podendo concorrer com vantagem. Para isto é necessaria a alliança sincera dos elementos factores da producção, o capital e o trabalho.

Felizmente a classe operaria tem recentemente iniciado um movimento notavel creando associações proprias, que deverão atingir alta importancia, continuando em promover os seus interesses, illustrando-se e fazendo seguidamente conhecidas as necessidades que as opprimem.

E não só as classes operarias necessitam d'esta união, tambem os industriaes carecem de união, para que possam alargar a esphera da sua actividade.

A industria portugueza assoberbada pela industria estrangeira não pode ficar isolada; precisa estudar os meios que a colloquem em estado d'uma concorrência.

Quando os governos pretendem organisar inqueritos industriaes succedem escacear por completo os elementos de estudo. E esta falta provém da desunião das classes as quaes directamente poderiam offerecer essas bases e assim estudar-se o modo de desenvolver a riqueza publica no interesse da classe operaria.

A Associação Industrial dos Lojistas de Calçado promovendo uma sociedade cooperativa para compra de materias primas inicia um movimento benefico, por que o grande segredo de industria está de certo em produzir barato, sem que essa differença seja a resultante da depreciação do salario. O salario deve sempre ser determinado pelo meio coexistente ou pela somma de necessidades. Mas este desideratum não se poderá conseguir sem uma justa harmonia de todos os interesses e a actividade honesta e consciente de todos.

A partição dos lucros é ainda outro problema economico de que ha já ensaios e que se ajusta perfeitamente determinando o que seja o capital e o trabalho.

Trataremos d'este ponto mais largamente por que elle é de certo a base economica do grande movimento social e operario que hoje se apresenta.

Comprehendam todos a sua missão que a lucta que actualmente se fere, resultado de aspirações seculares, ha de derimir-se n'uma peleja pacifica.

Que os demais industriaes imitem o exemplo da Associação Industrial dos Lojistas de Calçado, é o que será para desejar.

Em subseqüentes artigos trataremos de varias questões economicas que de utilidade será generalisar: não o faremos com o pensamento de ensinar, mas como indicações singelas de quem deseja prestar algum serviço ás classes trabalhadoras, que são em geral, tanto operarias como industriaes.

Costa Goodolphim.

Associação Industrial dos Lojistas de Calçado

Reuniu a assembléa geral na noite de 17 de junho. Concluiu-se a discussão do projecto de estatutos da Cooperativa; e foi eleita a comissão installadora.

Esta resolveu enviar uma circular aos socios.

AVISO

Reune a assembléa geral na segunda feira, 21 de julho, pelas 10 horas da noite, na casa da Associação. Assumptos relativos á Cooperativa e Penitenciária, e os mais que ficaram pendentes da anterior sessão.

Pede-se a maior concorrencia. Lisboa, 11 de julho de 1890.

O secretario,

Alfredo Carvalho.

Cooperativa Industrial dos Lojistas de Calçado

CIRCULAR. — III.^{ma} sr. — Tendo sido approvados em assembléa geral da nossa Associação Industrial dos Lojistas de Calçado, os estatutos da Cooperativa, destinada á compra e distribuição das materias primas e a outros fins de utilidade para os seus socios, com o consta dos n.ºs 1 a 5 do artigo 4.º, a comissão installadora, eleita na reunião de 17 de junho, chama a attenção de todos os seus consocios para o fim de coadjuvarem a immediata organização da Cooperativa, servindo-se cada um declarar até 21 de julho corrente, qual o capital com que se propõe a concorrer para o fundo da Cooperativa.

Segundo o n.º 1 do artigo 8.º e artigo 12.º o socio póde contribuir com o minimo de 20.000 réis até o maximo de 500.000 réis, podendo effectuar o pagamento em prestações mensaes, nenhuma das quaes inferior a 1.000 réis.

Os estatutos acham-se publicados no n.º 3 do nosso jornal *A Sapataria Portuguesa*, e em breve serão legalizados em conformidade com a legislação especial que regula esta qualidade de sociedades, e desde que tenha sido cobrada a primeira prestação.

E dependendo da boa vontade e coadjuvação dos socios a brevidade na installação, a comissão espera que todos os socios se apressarão a responder a esta circular e procurarão fazer crescer o numero dos associados, os quaes pódem mesmo ser domiciliados nas provincias, donde já se tem feito inscrever alguns collegas.

Legalizados que estejam os estatutos pela sua publicação no *Diario do Governo*, se procederá á eleição da direcção e conselho fiscal.

Lisboa e casa da Associação Industrial dos Lojistas de Calçado, travessa da Assumpção, n.º 59, 1.º andar, aos 30 de junho de 1890.

A COMISSÃO INSTALLADORA,

- + João Climaco de Sousa Marques.
- + Joaquim Antonio Gomes Raposo Junior.
- + José Antonio Fernandes Junior.
- + José Antonio Coimbra.
- + Francisco Ribeiro dos Santos Lima.

Secção Industrial

Tratados de commercio

O Conselho Superior do Commercio, em Franca, aconselhou o governo a denunciar os tratados de commercio. Folgamos com a noticia, por vir do lado estrangeiro, que do nosso talvez não houvesse animo para fazer uma tal declaração, pelo menos tanto a tempo.

Agora já sabemos, ou não haverá tratado, ou haverá com outras condições. Nós combatemos o primeiro e o segundo, e os factos mostraram que tinhamos razão quando affirmavamos que as nossas industrias teriam a soffrir. Soffreram, sem que o vinho alcançasse vantagem correspondente ao nosso sacrificio.

Trabalho nas prisões

No congresso penitenciario em S. Petersburgo, as principaes resoluções approvadas, com respeito ás questões do trabalho nas prisões, foram:

1.º Os detidos devem trabalhar; os seus trabalhos devem ser uteis e productivos;

2.º A exploração do trabalho deve ficar sob a gerencia do estado e não ser entregue ás especulações de empreiteiros, senão em casos muito excepçoes;

3.º O estado deve tambem ser, quanto possivel, o consumidor dos artigos produzidos.

A direcção da Penitenciaria Central de Lisboa e o governo devem aproveitar estas indicações.

Cessem as explorações dos individuos particulares, procurando as pechinças para uso proprio, cessem as explorações dos empresarios, aproveitando a insignificancia dos salarios dos presos para guerrear o commercio livre com os seus preços baratos.

Seja o estado o principal consumidor dos artigos produzidos, muito de accordo.

Abandonem a idéa de abrir armazens de venda por miudo; se tal lembrança tivesse apparecido no congresso de S. Petersburgo seria repellido pelo bom senso.

Os cortumes no Porto

III

Do que deixo dito póde concluir-se que os cortumes no Porto, bem como em todo o paiz, estão estacionarios.

São tão pequenos os progressos apontados, que não influem no modo de ser d'esta industria. Os cortidores não se aperfeçoam. Elles desconhecem a principal base dos progressos industriaes. Não sabem chimica. Além d'isto são rotineiros e timoratos. Não sentem a necessidade de progredir. Vêem os estrangeiros levar-nos o dinheiro em troca dos cabedais que lhes compramos, sentem a concorrencia, mas não tentam substituil-os, fabricando melhor. E' verdade tambem que os elementos de que os cortidores dispõem não são dos melhores. Quando as pelles são entregues ao cortume, já estão damnificadas de mil maneiras: já pelo aguilhão, já pelo esfalador, já pelo tosquiador e pelo proprio creador. Deveriam tirar bons resultados os fabricantes que soubessem explorar a pondo-a á altura da industria estrangeira. Sirva de exemplo o *dinamarquez Smith* com a sua fabrica de vitellas brancas. Fez fortuna em pouco tempo. Está independente.

Um individuo de Braga, inspirado n'estas idéas, vae ensaiar o cortume da sola por um novo processo inventado no estrangeiro. Tem a fabrica prompta e brevemente vae principiar. Trouxe do estrangeiro sola cortida por o processo que elle se propõe empregar, a qual tem sido experimentada pelos sapateiros. (*)

Dá bom trabalho e bom raspado, mas absorve a agua em demasia. Todavia, se este processo de cortume for mais barato do que o antigo, a fabrica deve prosperar, porque esta sola serve vantajosamente para calçado barato.

Porto, junho de 1890.

A. S. Jorge.

Secção Commercial

Negocio de calçado

Aqueceu a temperatura, sentiu-se mais calor em junho, lembrou procurar fóra da cidade alguma consolação, gosando a frescura do ar mais livre. Mez de maior numero de dias santos, Santo Antonio, S. João e S. Pedro convidam a festanças, á alegria principalmente da gente moça.

Foi em tal mez maior o movimento no negocio do calçado. Os estabelecimentos do meudo foram concorridos pelos que por causa do calor, a nova estação, careciam mudar de genero de calçado para o campo, para a rua e para uso domestico. O trabalho de medida esteve animado, os concertos em obra usada appareceram em quantidade, a chinellada, trabalho de obreiros, foi muito procurada.

Para exportação foi muito fraco o movimento; os revendedores nas provincias pouco encomendaram. Continúa padecendo a exportação e gemendo a agricultura.

Por isso aproveitemos esta animação do principio da estação do calor. Ainda julho e agosto nos serão favoraveis; depois voltarão os fracos dias, desde que a situação economica do paiz não é prospera.

(*) Uma amostra d'esta sola póde ver-se na casa Gomes, rua dos Panqueiros n.º 190.

Mercado de couros

Lisboa, 21 de junho. — *Couros*, dos portos de Africa, Montevideu e Maranhão chegaram importantes partidas, que vieram desanimar mais os fabricantes, que ainda estão suppridos e não querem entrar em novas transacções. *Vaquetas*, desatendidas; entraram do Maranhão n'esta quinzena algumas partidas.

Lisboa, 5 de julho. — *Couros*, vendas difficeis e aos baixos preços a que ficaram reduzidas todas as cotações. *Vaquetas*, completamente desatendidas, baixaram pelo menos 15 p. c.

Pariz 30 de junho

A sapataria de medida entrega com grande difficuldade as *commendas*. Os bons operarios não teem mãos a medir. As casas mixtas não se queixam. Os armazens de mudo estão tambem muito occupados. A fabrica trabalha em cheio; em geral a situação é muito satisfactoria.

Secção Colonial

Tratado da India

Pelo tratado de commercio de 26 de dezembro de 1878, que Portugal celebrou com a Gran Bretanha, os nossos dominios da India foram incorporados no regimen aduaneiro das possessões inglezas, e taes estipulações se convencionaram que os rendimentos do commercio de Goa foram absorvidos pelo imperio da India ingleza. A nossa pauta, que vigorava n'aquelle estado, desde 12 de novembro de 1869, continha 169 artigos para a importação e 12 para a exportação, emquanto que a actual, que é a da união aduaneira da India ingleza, tributa apenas as armas e seus petrechos e as bebidas alcoolicas.

Com a implantação do novo regimen diminuíram, ou quasi que se extinguíram, os rendimentos das alfandegas, mas augmentaram as contribuições directas, o que constitue um gravame para o desenvolvimento do commercio e da riqueza agricola, d'aquella possessão.

Segundo as condições do tratado, os rendimentos das alfandegas da união, são todos arrecadados em Bombaim, e no fim do anno é que é feito o rateio da parte que é destinada ao nosso paiz (art. 10.º).

Pela condição 12.ª do tratado foram transferidos para o governo de Bombaim o privilegio exclusivo de regular e emprehender a fabricação e venda do sal nos nossos dominios indianos, que era a principal riqueza d'aquella colonia, e que foi absorvida pelo governo da Gran-Bretanha, apenas com obrigação de pagar 4 lacs de rupias, cerca de 116 contos annuaes; mas esta quantia que foi dada em troca dos grandes privilegios e differença de regimen concedidos, fica depositada em Bombaim, para servir de garantia ao pagamento das obrigações do caminho de ferro de Mormugão.

Este tratado foi feito pelo tempo de 12 annos, que principiarão a ser contados desde 6 d'agosto de 1879, e poderá ser denunciado com 12 mezes de intervallo, isto é, a contar de 6 de agosto proximo.

Rio Zambeze

Opinião do actual sr. ministro da marinha em 18 de janeiro de 1888. — *Desde o momento em que se reconheça a liberdade de navegação no Zambeze, o dominio portuguez em Moçambique desaparecerá de todo ou terá apenas uma simples apparencia.*

Em valor colonial a Alemanha começou ha pouco e vae adiantando. A Inglaterra avança sempre. Portugal do muito vae-se reduzindo a muito pouco.

E' mais nobre pedir a demissão do que um ministro portuguez ligar o seu nome a tratados deshonrosos para o seu paiz.

Lourenço Marques

Applaudimos a resolução da Sociedade de Geographia de applicar a sua subscrição nacional para enviar para Lourenço Marques colonos portuguezes, e mais louvamos a deliberação da Empreza da Mala Real Portugueza de conceder o beneficio de 20 p. c. nas passagens dos colonos transportados por conta da sociedade.

Apertuegar a cidade de Lourenço Marques é da maxima conveniencia e urgencia; os inglezes anticiparam-se e estabeleceram-se alli em grande numero, de modo que mais parece possessão sua.

Ha falta de sapateiros em Lourenço Marques, aproveitem alguns as boas disposições e auxilio da Sociedade de Geographia. No paquete de 21 d'este mez ella paga a passagem a 5 colonos, portuguezes de nascença, que saibam ler e escrever, que tenham de idade 21 a 35 annos, preferindo artifices, e os casados que se façam acompanhar de familia.

Secção de Exposições

A Sapataria estrangeira na exposição de Paris

A sapataria *austro-hungara*, era a que, depois da França, apresentava melhor calçado de luxo e phantasia, para damas; porém, apenas em uma unica vitrine, a de Strokosch, de Vienna, vi productos d'este genero, que realmente merecessem ser equiparados aos bons artigos de luxo da sapataria franceza. Todas as outras desciam d'esta, gradualmente, até aos productos mais baixos.

Strokosch, porém, apresentava, com effeito, bons trabalhos em seda, setim, velludo, pellicas, etc. A ornamentação d'estes trabalhos, obedecia a um gosto bem educado e tinha o tom artistico dos paladares delicados.

Pelos bellos feitos que vi n'esta vitrine, e ainda n'outras, Vienna deve possuir bons operarios de calçado de damas.

Este expositor apresentava pouco calçado para homens, mas esse pouco era bom: simples, mas bem executado, podendo se classificar, sem lisonja para o sapateiro viennense, entre o calçado de primeira qualidade.

A sapataria austriaca expunha doze vitrines. O calçado para damas era o artigo que se via em maior quantidade, fazendo-se notar entre elle algum d'uma phantasia de gosto estravagante, pouco apurado e estapafurdo mesmo, muito similhante ao já descrito da vitrine hespanhola de Netto & Filhos, isto é, sobresahindo pelo abuso das ornamentações pesadas, sem arte, e carregadas de ouro, prata e pedras.

O calçado para homem, era pouco n'esta secção, mas em geral superior ao de damas.

Poucas vitrines exhibiam preços: apenas alguns productos de fabricação mechanica os apresentavam, baixos e approximando se muito dos do calçado medio francez.

A construção da obra barata pareceu-me pouco solida, principalmente na de damas, e esta opinião parece-me confirmada pelo calçado austriaco que se tem visto em Lisboa que, embora elegante e bem acabado, é, como todos sabem, muito mais fraco do que o nosso.

No entanto, entre a sapataria estrangeira a Austria-Hungria occupava um dos melhores logares.

A sapataria *ingleza*, estava, não direi mal, mas muito pouco representada: tinha apenas cinco vitrines no grandioso concurso do trabalho universal, sendo: duas de sapateiros de Londres, duas de Northampton e uma de Leicester. Expunham tambem os seus artefactos, tres fabricantes de calçado de borracha (galochas, polainas, canhões de botas de lacaos, etc.), e outros tres, materias e ferramentas para calçado.

A ausencia de calçado do genero phantasia, para damas, era completa; nenhuma d'aquellas cinco vitrines apresentava uma unica obra d'esta especialidade. Pois não é porque este calçado não seja admittido pelo gosto inglez, como muita gente pensa e alguns collegas o affirmam erradamente; pelo contrario, elle é até muito usado em Inglaterra, como o prova não só a grande exportação que a França faz d'elle todos os annos para aquelle paiz, mas tambem a existencia de fabricas de calçado de phantasia nas principaes cidades da Gran-Bretanha, que gosam de boa reputação, lá entre inglezes.

A que attribuir, pois, esta falta, aliás sensível e pouco honrosa para os sapateiros de Inglaterra?

Teriam elles receio do confronto dos seus productos com os da França, n'este genero?

A primeira vitrine é, sem contestação, a de John Lobb, sapateiro da aristocracia londrina. Expunha uma colleção variada de calçado de primeira qualidade para homens e damas. O visitante, logo á primeira vista, sente que está na presença d'um sapateiro fidalgo, permitta-se me a figura. E' que toda a obra é d'uma execução tão apurimorada, fino gosto e esmerada direcção, que se destaca notavelmente do grande vulgo da sapataria, pela evidencia da sua superioridade. E' impossivel á sapataria barata e mesmo á mediana, produzir assim.

Todo o trabalho d'este expositor é, como todo o de primeira ordem, fabricado á mão. O tom aristocratico estava impresso em tudo. Cousa alguma do gosto popular, ali se via. As formas de bicos regulares e muito pouco levantados, approximavam-se um

tanto do systema racional. O trabalho dos côrtes, sempre perfeitissimo, era simples, mas d'uma simplicidade delicada e de bom gosto, as côres dos ponteados condiziam sempre bem com as côres dos côrtes, que eram muito correctos e elegantes.

O trabalho de pés era d'uma perfeição que eu nunca vi excidida.

O calçado de damas tinha aquelle tom masculino que é peculiar do gosto inglez, e em todo ell: se via a mesma simplicidade e perfeição que se notava no calçado de homem. Alguns collegas, francezes e portuguezes com quem me encontrei no Campo de Marte, notaram, como um *senão*, a varonilidade que o sapateiro londrino dava ao seu calçado do sexo feminino; eu, porém, tenho em maior conta a simplicidade e o bom gosto de Lobb, do que a ornamentação requintada, inverosmil, com que muitos collegas, nacionaes e estrangeiros, procuram mais fazer do pé da mulher um objecto de luxo e *coquetterie*, um bonifrate de sala, do que buscarmos satisfazer a uma necessidade, perfeitamente igual á do homem. Por isso não acompanho n'este ponto os censores de Lobb. De resto, a feição masculina do calçado de damas, d'este sapateiro, é, repito, de gosto inglez.

Lobb apresentava alguns trabalhos de ajustados á mão, em botas de cavalleiro, principalmente em fletas e costuras, que são os melhores trabalhos de sovella, que tem visto sapateiros. Os inglezes sempre foram afamados n'esta especialidade.

Estes trabalhos estão hoje entre nós n'uma decadencia desastrosa que infelizmente continuará no seu declive, emquanto o estado do nosso ensino profissional for o da actualidade.

Emfim, a vitrine de Lobb era uma das mais bellas da Exposição e não tinha nas secções estrangeiras outra que podesse comparar-se-lhe, *senão* a de André Sais, de Barcelona, de quem já fallei.

Fornecedor da aristocracia londrina, como já disse, Lobb faz-se pagar por preços muito elevados, o que tive occasião de saber. Isso permite-lhe pagar a mão d'obra por preços não altos que lhe garantem o concurso d'uma *élite* dos melhores officiaes da sua casa.

Ora, nas circumstancias especialissimas de Lobb, nós poderemos admirar o seu talento, mas não devemos aquilatar por elle, da sapataria ingleza.

Logo depois de Lobb, estava a vitrine da importante fabrica de Manfield & Sons, de Northampton, com uma grande colleção de calçados de todos os generos, de fabrico manual e mechanico. Esta vitrine, não se distanciava muito da de Lobb, nos trabalhos manuaes—o que lhe dava logar entre as de primeira ordem—e as obras de fabrico mechanico, eram das melhores que vi em toda a Exposição. É sabido que a Inglaterra possui importantes fabricas de calçado, mas esta de Northampton, a avaliar pelos bons productos que exhibia, deve ser uma das melhores do Reino Unido.

Todo o material do calçado d'esta vitrine, era de primeira qualidade.

A obra de fabrico manual, não apresentava vantagem em preços. Vi butes atacados e de carella, canos de pellica e de chagrim, gaspeados de vitella ou polimento, ponteados, com uma e duas solas, desde 22 até 40 fr. Tive na mão estas obras: era bom trabalho. Mas o empregado da fabrica, que m'as mostrou, apresentou-me outras, de fabrico mechanico e manual (trabalho mixto), muito semelhantes áquellas, cujos preços variavam entre 15 e 18 fr. Evidentemente, as machinas estão operando uma transformação importantissima na nossa industria, que urge reconhecer e estudar.

Da Inglaterra havia ainda mais umas tres vitrines, de que não fallarei por não offerecerem cousa alguma de notavel.

Da sapataria de mais alguns paizes, que tive occasião de estudar—que direi, que não vá repetir o que já disse, das nações já descriptas? Que tem a sapataria portugueza a lucrar com taes repetições?

Podia ainda fallar da Belgica, da America do Norte, da America do Sul, cujas sapatarias examinei, mas só teria a dizer que a Belgica tem o fabrico mechanico muito desenvolvido como a America do Norte, e que no Brazil já vão fazendo importantes progressos, algumas fabricas de calçado, estabelecidas nos ultimos tempos. Tudo o mais seriam repetições inuteis, que é preciso evitar para não malbaratar o espaço que me é concedido.

Por isso sómente tratarei no proximo numero d'umas conclusões que serão o corollario do meu estudo na Exposição, fazendo resultar d'ellas o que, em meu parecer, julgo dever adoptar-se entre nós, para o progresso e desenvolvimento da sapataria nacional.

F. Soares Moita,
Delegado á Exposição de Paris.

(Continúa)

Visita do operario surrador a Paris

Ao apresentar o resultado da minha visita á Exposição Universal de Paris, certamen que para muitas artes, a que a ex.^{ma} camara municipal de Lisboa, de equal modo dispensou as mesmas vantagens, como para a minha classe, eu desejava i descrever com a maior attenção e escrupulo tudo quanto podesse ter aprendido de bom para a industria a que pertenco.

Vagos são os apontamentos que pude colher. O meu principal fim era não só examinar attentamente todos os productos que alli se achavam expostos, mas ver como eram fabricados.

A minha industria em Portugal é talvez a mais atrasada em todo o ponto de vista. Interessava-me aprender, e bastante para n'este simples relatório apresentar aos meus companheiros os maiores dados possiveis de que se podessem utilizar.

Eramos encaminhados em Paris por dois engenheiros que a ex.^{ma} camara municipal tinha enviado para nos dirigir e indicarnos as principaes fabricas que podiamos ver. A alguns delegados tudo correu maravilhosamente. Poderam visitar as melhores fabricas, examinar todos os seus meios de producção, mas na minha industria todas me cerravam as portas.

Incansaveis andaram para me poderem ser uteis, mas baldados foram todos os esforços. A unica onde poderam obter entrada foi uma fabrica de cortir couros para correias de machinas, absolutamente contradicção ao que tanto desejava.

Estava n'essa occasião em Paris o sr. Filipe José Serra, sapateiro de Lisboa, com quem me encontrei nos ultimos dias, que alli estive, e a quem fiz bem presente qual tinha sido até então o resultado dos meus estudos. Só com o auxilio d'este senhor pôde-me ser permitida a entrada n'uma fabrica que não era bem a minha especialidade, e ainda assim tive de ser apresentado como operario d'uma industria differente da minha.

D'esta maneira, se bem que me custasse, eu não podia pedir quaesquer esclarecimentos, pela razão de me dar logo a conhecer, e ser isso desagradavel a este senhor, de cuja benevolencia eu esperava obter o visitar mais duas fabricas. O pouco tempo que já havia, e a intelicidade que sempre me acompanhou, impediu-me de ver principalmente uma que mais aproveitavel era, porque no dia combinado e quando em companhia do sr. Serra ia para a visitar, soubemos ao chegarmos alli, que havia fallecido o seu proprietario, estando por este motivo fechada.

Lis em breves traços delineadas todas as contrariedades que soffri.

Do que a minha vista poudo distinguir n'esse grande certamen direi apenas, que era a industria franceza com referencia á minha arte a principal, não só como expositora, mas tambem pela variedade e qualidade dos seus productos. No grandioso espaço, que occupava esta secção notava-se toda a sorte de pelles de uma magnifica apparencia e melhor disposição.

Citarei como principaes as vitrines das seguintes casas: Basset Ch. Dumesnil, Gasquiel A. Donzel & C.^a e Jules Jacob & Wolfers. Todos exhibiam uma grande colleção de pelles, comprehendendo pellicas de lustro e bronzado.

Th. Sœur & fils e G. Petitpont & C.^a apresentavam pelles envernizadas de uma magnifica apparencia. Leven Frère & fils, Simon Ulmo e Solanet fils vitelas brancas e engraxadas de um acabamento primoroso.

Dumande, Gallien Frères, Augusto Peltreanu, Bienvenu Ainé e Veuve Placide Peltreanu, eram os expositores que nas suas vitrines maior e melhor qualidade de productos tinham com relação ao seu fabrico exclusivo de couros preparados para corréas de machinas e para calçado.

São estas as vitrines onde mais sobressahiam os productos da fabricação franceza.

Das secções estrangeiras, só pequenos mostruarios se viam e esses mesmos apresentavam pequenos pedaços de pelles. Citarei as casas Hecquet Pourpray & C.^a, da India franceza, Mora Frères, da Italia, L. Dumas & Raymond, da Austria, Fiale, da Servia, Chamarin, da Russia, R. G. Salomon, dos Estados Unidos. Cada um de per si expunha o que de maior utilidade pôde ser para os usos e conveniencias do seu paiz.

Da secção hespanhola dois unicos expositores havia e ambos de Barcelona. Eram Miguel Tarjos, que apresentava 4 pedaços de sola limpa, de boa apparencia e varias pelles de côres, algumas frisadas, e Miguel Gatins que quasi equal vitrine tinha como o anterior.

Sobresahia em ambas o estylo hespanhol. Na secção portugueza tambem apenas dois expositores se apresentaram, o sr. Domingos Rocha, com pelles de cabrito, preparadas para luvás, sua fabricação; e o sr. Julião Guimarães, do Porto, com varias amostras de pelles cortidas.

Antonio Chito,
Delegado surrador.

(Continúa)

Secção de Correspondencia

Paris, 1 de julho de 1890.

Sr. Director. E' uma grande honra para mim ter de colaborar no vosso jornal. Podeis estar certo que os meus esforços tenderão a tornar interessantes as cartas que mensalmente vos enviarei.

Nas diversas conferencias que ahi tivemos vos fiz conhecer o fim da minha viagem a Portugal. Estudar pessoalmente as necessidades do vosso bello paiz e verificar a sua situação industrial e commercial. Tal era a missão que me cumpria executar.

As auctoridades competentes e os negociantes, a quem recorri, me facilitaram a tarefa. Eu creio do meu dever expressar-lhes aqui a minha gratidão.

No nosso ramo de industria eu estou reconhecido particularmente aos negociantes de couros e de calçado, do Porto e de Lisboa, pelo excellente acolhimento que me fizeram. Eu espero que as casas, que me encarreguei de representar, acharão em Portugal agradaveis relações de negocios, concorrendo com o seu quinhão a cimentar a amizade das duas nações.

Portugal pouco a pouco accorda do somno em que esteve mergulhado. O incidente inglez lhe fez sacudir o torpor, que o envolvia; e elle mesmo váe animar-se.

Um paiz que tem marchado a par das grandes nações deve empenhar-se em levantar alto seu estandarte. Isto não é difficil, depende de querer.

Eu posso certificar que um sopro ardente em favor da industria animava aquelles que dispõem de capitaes. Que elles perseverem neste caminho, é o melhor.

A instrucção está pouco desenvolvida. E' pela base que se deve preparar a futura geração.

Eu louvo os esforços que empregaes em favor da associação industrial dos logistas de calçado, da qual sois um dos promotores. Eu animo os vossos adherentes, e os meus sinceros votos vos acompanham.

Eu estimaria, que antes tivésseis agrupado todas as intelligencias para defender a vossa industria, reunindo quantos de longe ou mais de perto se occupam dos couros.

Eu tenho sido por muito tempo secretario geral do *Syndicato da Sapataria do Girona e das Industrias que lhe são correlativas*.

Nós tínhamos associado no mesmo grupo fabricantes e negociantes de couros e de calçado, e isto tem dado bom resultado.

Em nenhuma parte do mundo, por onde tenho viajado, eu encontrei a arte da sapataria tão elevada como no vosso Portugal, e quem alcança o mais, obtém o menos.

Falta crear as fabricas e ajudar aquelles que estão entrados neste caminho. Creareis um movimento industrial e commercial, do qual não tardareis em colher os beneficios.

Um cortidor da vossa cidade de Braga váe agora produzir couros pelo processo *Worms et Balé*, cortimento rapido pela electricidade. Na minha proxima carta me occuparei imparcialmente d'este processo.

E. Philippot.

Secção Noticiosa

ATTENÇÃO. — Pedimos aos srs. assignantes, que devem o primeiro semestre, de lèrem no Expediente, na 1.ª pagina, a parte que lhes diz respeito. A condição da assignatura é de pagamento adiantado.

A administração do jornal tem pago todos os seus encargos com exactidão, por isso carece que a receita entre com regularidade.

Escola industrial Francisco de Hollanda, em Guimarães. — Foi creada por decreto de 3 de dezembro de 1884, ampliada em 1886. Ensina-se ahi, além de outras disciplinas, chimica industrial. Estão em construcção adiantada varias officinas para ensino manual, entre ellas para cortimento e acabamento de pelles.

Divisão do trabalho. — Lemos que em uma fabrica mechanica da provincia em França occupando 72 operarios, d'estes só 8 eram sapateiros, o resto era gente habituada aos trabalhos do campo, os quaes ao fim de alguns dias de ensino e graças a divisão do trabalho e ao emprego das machinas, se acharam habilitados a produzir trabalho regularmente.

Horas de trabalho. — Sollicitam os cortadores das offinas de calçado de Paris que as horas de trabalho sejam reduzidas a dez. A sua camara syndical n'este sentido fez distribuir uma circular.

Entre nós o assumpto merece ser tambem regulado.

Buenos-Ayres. — Alli se váe estabelecer uma exposição permanente de productos portuguezes, para promover o augmento das relações com Portugal. E' um mercado que merece ser explorado por nós, que se nos oferece desde muito tempo e do qual não havemos feito caso.

Mais caro e mais caro. — O preço do vinho tinha subido, o azeite idem, a carne, agora outra vez a carne. O que será quando for exigido o adicional dos 6 por cento?

A carestia das subsistencias, não sendo acompanhada de augmento de interesses, produz graves transtornos financeiros ás familias.

Casas com escriptos. — São bastantes as que ficaram por alugar, mas de que preços? O sr. ministro da fazenda, pelo que affirmou no parlamento, ignora que as casas de rendas maiores são as que vão sendo abandonadas; os inquilinos procurando as de menores preços, foi n'estas que houve augmento na maior parte.

Ha falta de habitações para rendas de 100,000 réis para baixo reuniram-se duas familias para pagarem proporcionalmente uma casa; algumas familias foram para fóra a titulo de ares do campo ficando sem casa em Lisboa.

O remedio para alliviar a crise da carestia das habitações não é de certo o imposto adicional dos 6 por cento. Este há de agravar a situação. O descontentamento do povo da capital cresceu por se haver desattendido as manifestações ordeiras e legais contra o adicional.

Lojistas em Berlim. — No dia 26 do corrente uma commissão de sapateiros se reunirá para deliberar acerca do fechamento dos estabelecimentos nos domingos e dias festivos.

Nos em Lisboa tambem carecemos de providenciar a tal respeito.

700 pares por dia. — E' quanto produz a fabrica mechanica de Beresborg (Suecia), trabalhando com 170 operarios.

Menos exportação. — Nos mezes de janeiro a maio d'este anno, a estatistica dá a França exportando menos calçado para Inglaterra e Brazil.

Obra de madeira. — Vieram da Alemanha 402 volumes contendo portas, janellas e outros objectos de madeira em obra, com destino aos *chalets* em construcção no Mont'Estoril.

E' o baixo direito da pauta que facilita este estrangeirismo. O governo gosta, porque rende mais a alfandega, que importa soffra o trabalho nacional! Lá váe para fóra dinheiro que podia cá continuar a estar. E assim cresce a riqueza publica!

Mais estrangeirismo. — Os srs. Leirão & Irmãos despacharam na alfandega um novo tecto para o seu estabelecimento no largo das Duas Igrejas, tambem mandaram vir o mosaico para o chão!

Vá mais dinheiro para fóra. Por isso não cessa a tarefa do Banco de Portugal de mandar vir moeda em ouro, *tambem estrangeira*, do Banco de Inglaterra, para não lhe faltar metal para o troco das suas notas.

Trabalho nacional, para que? manda-se vir tudo feito de fóra. Como pagal-o? ora essa, pede-se emprestado tambem ao estrangeiro.

Este systema de enriquecer uma nação é desconhecido para os nossos amigos inglezes.

Prosperidade? — Nos dias 30 de junho e 1 de julho deram parte á Camara Municipal de Lisboa os donos de 96 estabelecimentos; que os deixavam de ter! Ainda ficaram muitos a lutar com a grandeza dos encargos e a fraqueza dos interesses!

Renda de casas. — Em Paris os inquilinos a pagam em prestações trimestraes. Entre nós é muito doloroso o pagamento semestral adiantado.

O descanso do Domingo. — Applaudimos as novas diligencias dos caixeiros para alcançarem o descanso do domingo. Ha patrão em Lisboa que ainda na noute de domingo tem o estabelecimento aberto! E' de mais.

Ouro váe. — O Porto está fazendo constantes remessas de libras para Londres. São dividas do commercio que se pagam a dinheiro, quando para o paiz melhor era trocar a genero de produccão nacional.

Malange. — Este paquete portuguez chegou a Lisboa vindo do Brazil no dia 25 de junho conduzindo 454 passageiros! E os inglezes com ferro; são interesses de menos para elles.

Le Tire Pied. — Recebemos a visita d'este collega, jornal semanal que se publica em Nancy, preço avulso 5 centimos, tem 4 paginas. Apresenta-se como órgão dos trabalhadores e das revendicações sociaes e patrioticas. Noticia grande actividade na fabricação do calçado em Nancy, espera uma bella estação. Nota nos principaes centros de trabalho grande animação, faltando bons operarios. Apenas em Besançon e Marselha existia fraqueza; n'esta ultima cidade tinha entrado calçado estrangeiro.

A casa Margonet (de Nancy) annuncia botas atacando na frente ou de botões, pelle de cabra (cordovão) a francos 6,25, sapatos Richelieu a 5, e ditos decotados de cordeiro preto glacé com laços a 3,75, especialidade para operarias.

Casas recommendadas

Fabricantes

Gasquiel, A. Donzel & C.^a—Vitellas pretas, megis e envernizadas. Paris, rue Rambuteau, 30.
Francisco Ferreira Godinho.—Sola e vitellas, Lisboa, fabrica na Cruz Quebrada.

Depositos de artigos estrangeiros

Francisco Cunha.—Rua do Crucifixo, 67.
Ricardo Dias & C.^a—Rua dos Sapateiros, 159.
Louis Segismund Kohn.—Rua Augusta, 89.
Matta & Irmão.—Rua dos Correeiros, 92.
S. Boas & C.^a—Rua do Crucifixo, 7.

Maquinas e ferramentas

P. Planas.—Barcelona, 92, calle S. Pablo.
Santos Beirão & C.^a—Praça de D. Pedro, 15, Lisboa.

Armazens do sola e miudezas

Adolfo Luz & Irmão.—Rua da Princeza, 244.
Antonio Ferreira Martins.—Rua do Loureto, 14.
Augusto José Pereira.—Poço do Borratem, 35-A.
Augusto Silverio Antones & C.^a—R. Silva Albuquerque.
Candido Antonio de Carvalho Abreu & Sobrinho.—R. da Princeza, 208.
Jacintho J. Ribeiro.—Rua da Princeza, 198.
João de Oliveira Thé.—Poço do Borratem.
José Feliciano de Sousa.—Rua da Princ. za, 290.
Manuel Nunes Garcia.—Calçada da Bica Grande, 3.
Miguel Evaristo Barbosa.—Rua da Princeza, 220.
Rodrigues & Pedroso.—Travessa de S. Nicolau, 17.
Viuva Fernandes & Silva.—Rua da Princeza, 132.

Elasticos

Francisco José Lopes.—Rua da Princeza, 59.
Luciano Xavier Pinto.—Rua da Princeza, 51.

Moldes e côrtes

Victor Gomes.—Rua da Princeza, 190.

Secção de Anuncios

Guerra aos productos ingleses
CASA MEMORIA

N'esta casa encontra o publico sortido completo de velozes pedes e machinas de costura **ALLEMAS E AMERICANAS** por preços baratissimos e que pôde adquirir a prestações semannas e mensaes. **Especialidade de machinas para calçado, inclusive para casear.**

Não comprem machinas ingleses **Seria** uma falta imperdoavel de patriotismo se rejeitassem a compra das nossas boas machinas **ALLENAS e AMERICANAS**, para preferirem as inglesas, que a Companhia Fabril Singer faz annunciar como **AMERICANAS legitimas.**

LISBOA-15, PRAÇA DE D. PEDRO, 15-LISBOA

CASA MEMORIA

ALCANTARA & C.^a
FABRICA DE SAPATOS DE TRANÇA
ALCANTARA, TRAVESSA DA CASALHEIRA, 24, LISBOA

PREÇOS	
N.ºs 1 a 5, sapatos de criança, duzia	37360 réis
» 6 a 11 » menina,	47380 »
» 1 a 5 » mulher,	57760 »
» 6 a 11 » homem,	75020 »

ABATIMENTO CONVENCIONAL

Manufacture de veaux mégis et morts-nés
BEZERROS PELLICAS E DITOS EM CABELLO

PARIS
Avenue des Gobelins 40

Veuve CH. MARCHAND & O. Lecante
SUCCESSORES DE CH. MARCHAND
40, AVENUE DES GOBELINS. 40. PARIS

MANUFACTURA DE COUROS ENVERNISADOS
BEZERROS PELLICAS E PRETOS ENGRAXADOS

GASQUIEL, A. DONZEL & C.^{le}
à AUBERVILLIERS (Seine, França)
Depositos em Paris, 30, rue de Rambuteau

REPRESENTADOS POR DIEGO ARACIL
31, Magdalena, MADRID

MAQUINISTA DE CALÇADO

JOÃO JOSÉ PIRES DE AZEVEDO
Incumbe-se do ajuntado e bordado nas variadas especies de calçado, luxo e trivial

R. das Escolas Geraes, 43, 2.º Lisboa

P. PLANAS**92, Calle de San Pablo, BARCELONA**

Constructor de máquinas especiales para la fabricación de calzado
 Miembro de la Academia Nacional de Paris, y de la Sociedade Científica Europea, de Bruselas
 Premiado con medalla de oro
 en Barcelona y Bruselas, y de plata en Paris y Buenos Ayres

Ofrece á los fabricantes e zapateros portugueses, toda clase de maquinaria la más perfeccionada que se construye en el día, como lo acredita el haber montado las principales fábricas de España y Sud-América.

Envío de catálogos detallados, según demanda

6

AS SAPATARIAS**CALÇADO DE SALTOS Á LUZ XV**

EM TODOS OS GENEROS E QUALIDADES

Fornecor para revender a officina de

S. A. SERRANO

5, 1.º E--Rua do Sol ao Campo de Sant'Anna--LISBOA

7

CORTES PESPONTADOS EM TODOS OS GENEROS
MOLDES PARA CALÇADO

EM CARTÃO OU ZINCO

FORNECEDOR

VICTOR GOMES**190, RUA DOS FANQUEIROS, 190**

LISBOA

8

DEPOSITO DE MATERIAS PRIMAS

PARA SAPATEIROS E CORREEIROS

DE

RICARDO DIAS & C.ª

159, Rua dos Sapateiros (Arco Ban.leira), 1.º

LISBOA

Artigos de fabricantes acreditados, e de marcas conhecidas n'este mercado

Vendas por grosso

9

FABRICA A VAPOR DE ALPARGATAS

DE

Gonzalez & Tejedor

197 — Rua Occidental do Campo Grande — 197

LISBOA

10

Diversidade de qualidades para homens, senhoras e meninos para uso da rua, de casa e de banho.
 Importantes melhoramentos introduzidos na fabricação permitem apresentar este anno trabalho de confiança e de agrado para o publico. Preços baratissimos para revender.

ADOLPHO LUZ & IRMÃO

Rua dos Fanqueiros, 244

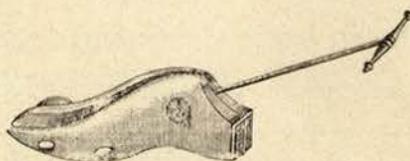
LISBOA

11

Armazem de sola e pellaria currida de todas as qualidades. Magnifico sortimento de vieillas e chagrins nacionaes em cores, prontos para calçado fino do campo.
 Enviam nota dos seus preços a quem lh'a requisitar assim como qualquer encomenda contra remessa em valor sobre esta praça.

F. CUNHA

DEPOSITO POR GROSSO
DE
MATERIAS PRIMAS PARA CALÇADO



Unico depositario em Portugal das
acreditadas fôrmas para calçado de Belvallette Frères,
em diferentes modelos

67, RUA DO CRUCIFIXO, 67
LISBOA

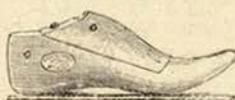
12

DEPOSITO DE FORMAS PARA CALÇADO

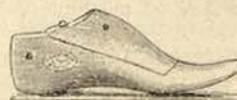
Fabricadas por conta e sobre modelos exclusivos d'esta casa



Modelo 1



Modelo 2



Modelo 3

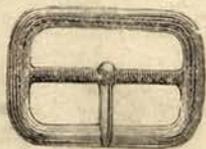
JACINTHO J. RIBEIRO

Estabelecimento de sola, pelles e artigos para calçado

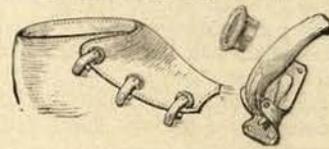
GRANDE SORTIMENTO DE CHAGRINS E VITELLAS DE CORES
para calçado de verão

IMPORTAÇÃO DIRECTA DAS MAIS IMPORTANTES E AFAMADAS FABRICAS FRANCEZAS E ALLEMÃS

Fivelas para botas e folainas



Colchetes modernos para calçado



Vendas por grosso e miúdo

Grandes descontos aos revendedores

Mandam-se amostras e preços a quem os pedir

198, 200, RUA DOS FANQUEIROS, LISBOA

13